

ÁFRICA E AMÉRICA: CONSEQÜÊNCIAS ESTÉTICAS DO CONTATO PRÉ-COLONIAL

*Nelson Odé Inocencio**

O currículo dentro do ensino formal não cumpre apenas a função de instruir a sociedade de modo restrito, mas também de destruir amplamente qualquer indício de conhecimento que venha a se constituir em leitura diferenciada do mundo que o Ocidente construiu. Para perceber esta ambivalência muitas vezes faz-se necessária a reflexão, demarcada pelo pertencimento ou pela solidariedade, sobre segmentos que transitam no espaço da alteridade.

A narrativa mestra que deu forma e conteúdo ao discurso tradicional da História da Arte, por exemplo, passa a afirmar, a partir da expansão ibérica e do advento do escravismo colonial, a diferença entre os povos europeus e não europeus com base na negação das semelhanças, ou seja, na desumanização de africanos, asiáticos e ameríndios. Este foi e, em certo sentido, continua sendo o referencial “norteador” de nossas leituras conceituais acerca da produção artística alusiva aos povos provenientes dos locais supracitados.

O discurso hegemônico que resultou do contato entre culturas tão distintas serviu mais para afirmar uma qualidade supostamente superior das produções européias e suas tradições do que para explicar o conteúdo das realizações, dos comportamentos, das visões de mundo, enfim, daquelas coletividades que desafiavam teses e formulações “científicas” acerca da espécie humana.

O ato fundador da expansão marítima ibérica contou com vários fatores favoráveis para a sustentação da idéia de que as populações

* Professor do Departamento de Artes Visuais, UnB; membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), CEAM.

contatadas se adequavam justamente à teoria do evolucionismo linear. Talvez um dos mais importantes tenha sido a própria ignorância dos navegantes no sentido de interpretar arbitrariamente uma série de registros existentes no *novo mundo*, que na verdade só possui o valor de *novo* para seus exploradores.

Portanto, fazer uma abordagem que trate da América pré-colombiana, da desconstrução do mito fundador, se constitui em exercício de suma relevância na medida em que tal postura poderá proporcionar fissuras na ordem de um discurso tão sedimentado, porque ainda convincente em sociedades plurais do ponto de vista da formação, mas antagonicamente quase singulares no que concerne a reiteração da ótica conservadora.

Poderíamos falar não apenas de mil anos de América para darmos evidência do teor absurdamente ideológico que perpassa toda a concepção ibérica de novo mundo. As investigações arqueológicas certamente ainda nos proporcionarão muitas surpresas, óbvio, a depender do compromisso, das vinculações e dos conceitos de pesquisadoras e pesquisadores na área. Afinal, o desgastado argumento da objetividade científica vem se diluindo quanto mais nos damos conta de que a universidade é um espaço onde se deflagra uma nítida batalha no campo das idéias. Isto não significa que devemos investir no embate em detrimento da reflexão. Todavia, negligenciá-lo em nome de um conceito tradicional acaba por criar uma defasagem comprometedora.

Felizmente contamos com intelectuais que conseguem compreender a dimensão do enfrentamento sem se esquivarem de suas responsabilidades. A fim de corroborar tal certeza gostaria de mencionar o trabalho da Profa. Elisa Larkin Nascimento que publicou um interessante livro intitulado *Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira*. Seguindo uma vertente contra-hegemônica, a autora analisa relações milenares entre africanos e ameríndios, baseando-se em pesquisas anteriores e respaldando-se principalmente nas elaborações de Van Sertima, mais especificamente em sua obra cujo título é *They Came before Columbus*. Texto, aliás, que inaugura uma etapa referente às falas dissonantes da alteridade.

Nascimento alega que os dados coligidos das pesquisas pregressas possuem um valor científico irrefutável, tanto que a Associação Internacional de Americanistas vem contemplando essas leituras reorientadas acerca do continente. Em *Sankofa* a autora recorre aos registros arqueológicos que elucidam através da arte uma interessante conexão entre África e América. Este trabalho transcende as ingênuas e as vezes mal-intencionadas argumentações assentadas nos acasos da história, principalmente quando estas são convenientes.

Para termos uma dimensão diacrônica do processo que resultou nessa, digamos, postura de enfrentamento acadêmico, façamos uma breve historicização do percurso. Nascimento explica em fragmento do capítulo sobre as civilizações africanas, como suas inserções teriam ocorrido no novo mundo. A ênfase é dada a arte olmeca no México, por expressar características estéticas que muito as aproximam de estilos africanos. As enormes esculturas antropomorfas olmecas impressionam pela imponência e pelos referenciais de figura humana aos quais aludem. Há nelas mais do que simples recorrência, uma indubitável identidade com o mundo africano, o que reforça a tese de uma comunicação já estabelecida entre os dois lados do Atlântico. As ilustrações em anexo¹ foram extraídas do trabalho de Nascimento que, por sua vez, as selecionou a partir da iconografia apresentada por Van Sertima. As imagens falam por si com um vigor tão intenso que chegam a remeter-nos para o cerne do discurso colonial a fim de tentarmos mensurar a dimensão de seu dano.

Ao tratar as civilizações africanas e ameríndias enquanto coletividades ahistóricas, o pensamento ocidental foi capaz de arquitetar um ideário cujo pilar central sustenta-se na crença de que o processo cultural engendrado pela Europa representa a gênese civilizatória e o paradigma de sociedade a ser seguido por todo e qualquer povo hipoteticamente aquém de seus valores.

As investigações não-eurocêntricas vêm denunciando com eficácia a que tem servido o conceito de “ciência”, para aqueles que não abrem mão de um posicionamento cartesiano. Nascimento resgata de meados do século XIX o trabalho do historiador mexicano Orozco e Berra que já trazia informações significativas sobre vestígios de africanidades nas Américas. A autora também cita uma trilogia intitulada *A África e a descoberta da América* no início do século XX assinada por Leo Wiener. Há um outro pesquisador chamado Alexander von Wuthenau que adentrando pelo campo das artes conseguiu reforçar o argumento desmistificador do caráter inédito atribuído a aventura ibérica. Por fim, a obra supracitada de Ivan Van Sertima é que reúne, de acordo com o entendimento da professora, um texto mais conciso e desafiador acerca do tema. Em *They Came before Columbus* é possível encontrar uma análise crítica que transita pelo terreno da etnologia, botânica, arqueologia, oceanografia, filologia, história cultural e linguística.

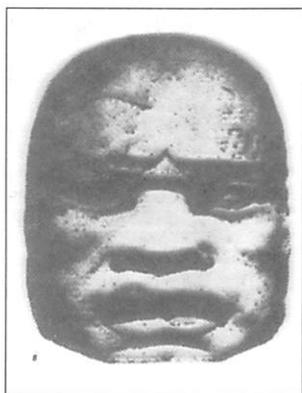
No tocante às estratégias de navegação sabe-se que alguns grupos étnicos africanos conheciam o Atlântico e nele se lançavam procurando

¹ Ver p. 61.

alcançar as correntes marítimas, sabiamente por eles denominadas de “rios dentro do mar”, de acordo com elementos constantes nas pesquisas do conjunto de autores elencados por Nascimento. Provavelmente o trajeto tenha se dado por meio de embarcações menores e mais leves que as famosas caravelas conforme está ressaltado em *Sankofa*, consideração que de forma alguma representa demérito para realizadores de tamanha proeza.

O contato e para além dele as influências culturais visivelmente marcadas por conexões estéticas insofismáveis no âmbito da arte, devem nos mover no curso da politização do debate acadêmico, principalmente em uma conjuntura empobrecida pela apologia ao colonialismo, dando evidências do que o nosso imaginário foi capaz de construir apesar de toda violência histórica protagonizada pelos europeus por mais de quatro séculos. Não se trata de assumir uma postura rancorosa em contraponto a complacência, mas de compreender a importância, a função e o poder de uma narrativa que se sustenta sobre nossa diluída e superficial noção de coletividade, identidade e diferença.

Para a História da Arte, especificamente, a proposta veiculada pela vertente comprometida em estudar relações entre África e América no período pré-colonial, pode representar um imprescindível deslocamento, mais do que isto, um descentramento, empregando este último termo da maneira conceitual como Stuart Hall sugere. Para tanto é necessário identificar o centro, decodificá-lo, movê-lo. Nas artes visuais, o centro se mantém na classificação estética norteada por juízos de valores ocidentais, ainda que consideremos expressivas rupturas com este modelo ele continua hegemônico e alimenta o chamado senso comum. Por falar neste estágio das idéias, acreditamos que uma das tarefas básicas no campo da reflexão estética é a de esvaziar o argumento de *que gosto não se discute*. Teria mais nexo dizer que muitas pessoas acreditam ou foram convencidas da inviabilidade de discuti-lo, uma vez que condicionadas por outras que, em condições privilegiadas de poder, o discutem e a partir daí formulam projetos culturais para a sociedade que são absurdamente excludentes. Gosto se discute e define o lugar da alteridade em nossas consciências. Se assim não fosse as investigações sobre o contato e as conseqüências estéticas resultantes da aproximação entre ameríndios e africanos não teriam permanecido no limbo por tanto tempo. Precisamos trabalhar criticamente com o conceito de descobrimento, desideologizando-o e ampliando significativamente a nossa percepção de diversidade. O que implica em deslocá-la do terreno em que até hoje permanece circunscrita.



Duas gigantescas cabeças africanas, em basalto, do período pré-clássico da cultura olmeca, no México, ambas encontradas em San Lorenzo. Foto: Van Sertima, 1976: Fig. 29.



Compare: a cabeça de um chefe Nuba, do sul do Sudão, com uma cabeça olmeca em pedra, encontrada em La Venta (Van Sertima, 1976: fig. 27).



À esquerda, cabeça esculpida em pedra, retratando um tipo africano da cultura olmeca (Vera Cruz, período clássico). À direita, em cerâmica, uma figura miscigenada (Vera Cruz, período clássico). Fotos: Van Sertima, 1976: figs. 24 e 4A.

BIBLIOGRAFIA

- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*, trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.
- INOCENCIO, Nelson. “Diversidade racial nas artes visuais: o caso brasileiro”, *Humanidades*, Brasília (47), 1999.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira*, vol. 1, Rio de Janeiro, UERJ, 1996.
- VAN SERTIMA, Ivan. *They Came before Columbus*, New York, Random House, 1976.